

# UMA LEITURA DA “CARTA AO PAI” DE KAFKA

**Filipe Pereirinha**

Psicanalista | Antena do Campo Freudiano (ACF);  
Universidade Lusófona (ULHT) — Lisboa

**Resumo:** Pode uma carta chegar ao seu destino mesmo quando não é enviada? A “Carta ao pai”, de Kafka, serve-nos aqui de balão de ensaio para esboçar uma possível resposta a esta questão. Não se trata, porém, de ler esta carta como se ela traduzisse finalmente, ao pé da letra, o conflito edipiano entre Kafka e o seu pai, mas antes de ver neste suposto conflito — e seus impasses — o limiar de outra coisa bem mais real.

**Palavras-chave:** Kafka; Lacan; letra; sintoma; real.

**Resumée:** Une lettre pourrait-elle arriver à sa destination, même si n’ayant pas été envoyée? La Lettre au père de Kafka nous sert ici de ballon d’essai pour esquisser une réponse possible à cette question. Il ne s’agit cependant pas de lire cette lettre comme si elle venait traduire finalement et au pied de la lettre le conflit œdipien de Kafka, mais plutôt de voir dans ce conflit supposé — et ses impasses — le seuil de quelque chose d’autre de bien plus réelle.

**Mots-clés: Kafka; Lacan; lettre; symptôme; réel.**

## I. COMO LER KAFKA SEM ERRAR COMPLETAMENTE O ALVO?<sup>1</sup>

---

1. O texto é o resultado da intervenção efetuada no âmbito do Seminário do Centro de Estudos de Psicanálise, ULHT, nos dias 12 e 19 de fevereiro 2014, por Filipe Pereirinha. Filipe Pereirinha é Doutor em Filosofia Moderna e Contemporânea, com uma tese sobre a problemática do sujeito em Jacques Lacan. Membro da Antena do Campo Freudiano (ACF-Portugal) e da EuroFédération de Psychanalyse. Ex-professor e investigador do departamento de Psicologia da ULHT. Membro do Centro de Estudos de Psicanálise (ACF — CEP). Colaborador da revista *Afreudite — Revista Lusófona de Psicanálise Pura e Aplicada*. Convidado e colaborador regular, desde 2007, do Núcleo de Direito e Psicanálise da Universidade Federal do Paraná (Curitiba, Brasil). Autor de diversos artigos editados em publicações nacionais e estrangeiras.

---

---

Há uma acusação recorrente a Freud e, por extensão, aos freudianos, sobre o modo, supostamente redutor, como encaram a obra literária, como se esta fosse apenas o reflexo, mais ou menos direto, dos conflitos ou impasses que sacodem interiormente o seu autor. No limite, haveria uma espécie de monotonia interpretativa: qualquer que fosse a obra, tudo serviria nela para confirmar a grelha

de leitura, sempre a mesma, com que seria abordada. Poderíamos dizer, resumindo, que esta grelha de leitura é o que se chama, em termos freudianos, *complexo paterno* ou *edipiano*. Nesse caso, haveria sobretudo que procurar, sob a variedade da obra, a mesma e única verdade monótona que ela encerraria, como uma espécie de tesouro escondido. Segundo Gilles Deleuze, por exemplo, tratar-se-ia aqui de uma concepção infantil da literatura.<sup>2</sup>

---

2. Cf. Gilles Deleuze. *Critique et Clinique*. Paris: Éditions du Minuit, 1993, p. 12: “[...] é o eterno papá-mamã, a estrutura edipiana, que se projeta no real ou que se introjeta no imaginário. É um pai que se vai procurar no fim da viagem, como no interior do sonho, numa concepção infantil da literatura”.

---

Foi talvez contra essa redução da *variedade* à *verdade* que Lacan cunhou, já na última fase do seu ensino, o neologismo *varidade* (varité), ou seja, uma vez que a verdade nunca pode dizer-se por inteira, importa sobretudo apreender como ela se declina variamente, caso a caso.<sup>3</sup> E no campo da arte, mais do que em qualquer outro, na medida em que estamos no domínio da criação por excelência, o cuidado em não reduzir a variedade múltipla, sempre diferente e singular, a uma qualquer verdade monótona, é tanto mais importante.

---

3. Cf. Jacques Lacan(1976-1977). *L’Insu que sait de l’une*

De resto, já antes Lacan, homenageando a escritora Marguerite Duras, se dirigira aos psicanalistas, aconselhando-os a não brincar ao psicólogo em matéria de arte, uma vez que o artista sempre os precede, abrindo-lhes a via.<sup>4</sup> É o que Fernando Pessoa, antecipando-se ao crítico futuro da sua obra, dizia nos seguintes termos: “devemos seguir o autor e não querer que ele nos siga”.<sup>5</sup>

---

4. Cf. Jacques Lacan. “Homenagem a Marguerite Duras pelo Arrebatamento de Lol V. Stein”. In: *Shakespeare, Duras, Wedekind, Joyce*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1989, p. 125; 5. Cf. Fernando Pessoa. *Páginas Íntimas e de Autointerpretação*. Lisboa: Edições Ática, S/d, p. 116.

---

Pois bem! E quando é o próprio autor, como acontece no caso de Kafka, de forma explícita em muito daquilo que escreveu, a conduzir-nos por essa via tão cara aos psicanalistas: o conflito insanável entre um pai e um filho? Ele chega mesmo a dizer, nos seus *Diários*, que a leitura de Freud o acompanhou durante toda a escrita do “Veredicto”, uma novela onde o conflito entre ambos tem um desenlace trágico.<sup>6</sup>

---

6. Não é seguro, não obstante, como advertia recentemente Sarah Chiche, responder em espelho a

este “convite” de Kafka, lendo demasiado depressa, como se estivesse aqui a resposta (edipiana) e não simplesmente um novo problema. (Cf. “En nous, les trois cercles de l’enfer”, *Le Magazine Littéraire*, janeiro 2014, pp. 56-57.)

---

Mas não é só nesta novela que a relação problemática entre o pai e o filho é explicitamente evocada; ela é a causa próxima de muitas das reflexões que Kafka nos deixou nos seus *Diários* (escritos de forma ininterrupta, se bem que intermitente, ao longo de mais de dez anos, de 1910 a 1923, um ano antes da sua morte), bem como de inúmeros outros textos, em particular a famosa “Carta ao pai”, escrita em 1919. Além disso, é o próprio Kafka a dizer, tanto nos *Diários* como na “Carta ao pai”, que grande parte das suas criações (como *A metamorfose* ou *O processo*, por exemplo) teria na difícil relação entre o pai e o filho parte da sua mola impulsional. Deve haver, por conseguinte, alguma verdade em tudo isto, se bem que ficcionada, como Kafka não deixa igualmente de pôr em destaque em certas passagens dos *Diários*, fazendo lembrar, *avant la lettre*, uma certa consonância da verdade com a ficção, tal como Lacan irá sublinhar mais tarde.<sup>8</sup>

---

7. Num ensaio sobre Kafka, Maurice Blanchot relembra, a certa altura o seguinte: “[...] o debate com o pai é essencial e todos os novos apontamentos do Diário o confirmam, mostram que Kafka não se dissimula nada do que a psicanálise lhe poderia

revelar”. (Cf. “Kafka et l’exigence de L’oeuvre”. In: *L’Espace Littéraire*. Paris: Éditions Gallimard (Folio-Essais), 1999, p. 90; 8. Cf. Jacques Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 19.

---

Dito isto, porém, devemos seguir o conselho de Lacan, frequentemente repetido, e não procurar compreender demasiado depressa. Mais do que propor uma interpretação *edipiana* da relação conflituosa, melhor dizendo, devastadora, entre o pai e o filho, talvez seja porventura mais conveniente interrogar o caráter *defensivo* que uma tal relação possa significar. Ou seja, em que medida essa relação não é ainda um véu, isto é, um modo de velar algo, tanto no sentido de ocultá-lo, como de fazer-lhe o velório? E, nesse caso, quem seria o morto? Dizendo de outro modo: não será o conflito entre o pai e o filho uma espécie de barreira última antes de outra coisa, digamos, ainda mais assustadora, dessa *coisa* de que algumas criações de Kafka, no extremo do dizível, nos aproximam perigosamente?

Estamos, assim, perante um dilema: com o intuito de não compreender demasiado depressa, evitando o perigo de reduzir o autor a uma chave interpretativa, seja ela psicanalítica ou outra,<sup>9</sup> podemos incorrer no perigo inverso, isto é, não tomar em consideração este ou aquele texto unicamente porque o autor faz aí algo muito parecido com uma abordagem “psicanalítica”, como acontece de forma clara na “Carta ao pai”. Para evitar o referido dilema, o que

propomos aqui é reler essa carta, não como algo que nos dá uma resposta fechada, mas antes como uma questão em aberto, que nos interroga e merece ser interrogada por nós.

---

9. Segundo Walter Benjamin (Kafka, Hiena, 1994, p. 47), há dois modos de errar completamente na apreciação dos textos de Kafka: um consiste na interpretação natural (psicanalítica), o outro na sobrenatural (teológica).

---

## II. A “CARTA AO PAI”

Aparentemente, a “Carta ao pai”, de Kafka, parece desmentir a afirmação lacaniana de que “uma carta chega sempre ao seu destino”,<sup>10</sup> uma vez que ela não chegou efetivamente a ser enviada e, como tal, o pai também não pôde recebê-la *de facto*.

---

10. Cf. Jacques Lacan. *Escritos, op. cit.*, p. 45.

---

No essencial, essa carta é uma longa e detalhada resposta a uma pergunta que o pai, certo dia, lhe teria feito. Kafka inicia a carta retomando a questão atribuída ao pai:

*perguntaste-me, há pouco tempo, por que razão afirmo ter medo de ti.* Está assim dado o mote: como se este “medo” fosse a *causa* e o centro (móvel) que atrai e em torno do qual vai girando a argumentação de Kafka.<sup>11</sup>

---

11. Cf. Franz Kafka. *A carta ao pai*. Lisboa: Relógio D'Água, 2004.

---

É ele mesmo quem o afirma desde o princípio: a resposta que não foi capaz de dar no momento certo, não sabendo na altura o que dizer — justamente por causa do medo que sentia em relação ao pai — aparece agora sob a forma escrita. A escrita *mostra* assim, como diria Wittgenstein, aquilo que não foi possível dizer de viva voz. O impossível de dizer transmuda-se em causa de desejo: o desejo de responder por escrito à pergunta do pai.

Neste aspecto, a escrita constitui uma outra resposta ao “Veredicto” paterno, isto é, à condenação proferida por este no conto homônimo em relação ao filho: *condenote a morreres afogado!*<sup>12</sup> Em vez de correr loucamente em direção à água, isto é, ao suicídio, tal como acontece com o protagonista desse conto, que corre como se fosse movido unicamente pela força desta frase imperativa e condenatória do pai, Kafka experimenta aqui uma outra solução: a escrita como resposta não suicida, poderíamos dizer, parafraseando Enrique Vila-Matas, tal como este



parafraseia Pessoa.<sup>13</sup>

---

12. Cf. Franz Kafka. “O veredicto”. In: *O covil*. Lisboa: Edições Europa-América, S/d, pp. 82-91; 13. “Viajar, perder suicídios: perdê-los todos. Viajar até que se esgotem no livro as nobres opções de morte que há”. (Cf. *Suicídios exemplares*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1994, p. 8.)

---

Se bem que a “Carta ao pai” seja longa e difícil de resumir, é possível, em meu entender, destacar nela pelo menos duas grandes vertentes, separadas e unidas ao mesmo tempo por um eixo comum. Na sua maior parte, ela é composta por uma série de recriminações que Kafka dirige ao pai, como se este fosse o grande culpado dos seus problemas, em particular os que dizem respeito ao relacionamento com os outros, nomeadamente com as mulheres da sua vida, como Felice Bauer ou Julie Wohryzek, entre outras — acerca desta última o seu pai terá dito, quando teve conhecimento do namoro entre ela e o filho, que seria preferível este ir a um bordel do que desposar a primeira que aparecesse —, bem como da imagem de si próprio, do seu corpo ou até mesmo da relação, cada vez menos pacífica, com a escrita, como é de resto evidente numa das últimas notas dos *Diários*, escrita em 1923: “Sempre com mais medo de escrever. É incompreensível”.<sup>14</sup> Mesmo se Kafka modera por vezes a crítica ao pai, reconhecendo que talvez ele não seja o único culpado e que uma parte da culpa

resida em si mesmo, o tom recriminatório é o que domina substancialmente em grande parte do texto nesta primeira vertente. De tal forma que aquilo que sobressai é a ideia de que o pai funciona, para Kafka, essencialmente como um sintoma; como algo, digamos, que faz sintoma, que não o deixa dormir (e quanto ele se queixa das insónias que o atormentam!) nem, quando acorda, viver em paz.<sup>15</sup>

---

14. Franz Kafka. *Diários*. Lisboa: Difel, S/d, p. 376;  
15. “O pai é um sintoma (*symptomé*), ou um sinthoma (sinthome), como quiserem” (Cf. Jacques Lacan (1975-1976). *Le Séminaire, Livre XXIII, Le Sinthome*. Paris: Éditions du Seuil, 2005, p. 19.

---

Dizer que o pai é um sintoma pode significar pelo menos duas coisas diferentes: ou que o sintoma é ainda, em última análise, um dos nomes do pai (tal como este foi sendo pluralizado no ensino de Lacan) ou, pelo contrário, que o pai é somente um dos nomes do sintoma. Ou seja: o pai é apenas um caso particular de uma função mais geral. A relação do sujeito com o (seu) sintoma é mais básica, mais primordial, sendo uma espécie de infraestrutura, como diria Marx, relativamente à qual o pai é da ordem da superestrutura. O que pode enganar é que esta superestrutura é, digamos, o que primeiro salta à vista, como acontece em Kafka; ou seja, aquilo que vemos — ou lemos — em primeiro lugar é o que, porventura, é secundário.

Porém, há uma dobra, uma viragem no texto que é preciso ter em conta. É já quase no fim da “Carta ao pai”. Como se recebesse do Outro a sua própria mensagem de forma invertida, como diria Lacan, Kafka escreve o seguinte: “Ao teres uma panorâmica geral da justificação do medo que tenho de ti, podias responder o seguinte”.<sup>16</sup> Aquilo que se segue é uma objeção, ponto por ponto, ao raciocínio que Kafka expusera em detalhe ao longo da carta. Uma objeção que desemboca no seguinte: “A isso respondo que, antes de mais”, escreve Kafka, colocando-se de novo no papel de emissor, “toda esta resposta [...] não parte de ti mas de mim”.<sup>17</sup>

---

16. KAKFA, *op. cit.*, p. 72; 17. *Ibidem*, p. 74.

---

Não se trata aqui apenas, em meu entender, de um simples pormenor, mas de uma verdadeira placa giratória. Na verdade, esse pai, a quem o autor endereça as suas recriminações, a quem dá a oportunidade de objetar, a quem responde de novo, não será finalmente um sintoma, *êxtimo*, de si mesmo, isto é, algo que é a sua coisa mais familiar (íntima) e estranha ao mesmo tempo?<sup>18</sup> Talvez por isso a carta — que foi escrita e reescrita — não tenha sido nunca enviada, uma vez que o remetente coincidia, afinal, com o seu destinatário. O pai é um outro nome do sintoma-Kafka.

---

18. Sirvo-me aqui de um termo (“extimité”) que Lacan desenvolveu no Seminário *A ética da psicanálise*. Cf. Jacques Lacan (1959-1960). *Le Séminaire, Livre VII, L'éthique de la psychanalyse*. Paris: Éditions du Seuil, 1986, p. 167.

---

Há um sonho de Kafka, aliás, dos muitos que ele anotou nos seus *Diários*, que pode eventualmente ajudar-nos a precisar ainda melhor o que está em causa.

Sonhei há pouco tempo: vivíamos no Graben, perto do Café Continental. Um regimento virou da Herrengasse a caminho da estação. O meu pai: ‘Eis uma coisa para se contemplar, enquanto se pode’; e arroja-se para o peitoril [...] e com os braços abertos estendeu-se lá fora na borda larga mas muito inclinada da janela. Eu agarrei-o por duas casas por onde passa o cinto do roupão. Cheio de maldade, ele ainda se debruça mais, eu faço toda a força para o agarrar. Penso em como seria bom se conseguisse amarrar os pés com cordas que se segurassem a qualquer coisa para que o meu pai não me pudesse arrastar. Mas para fazer isso eu teria de largar o meu pai, pelo menos durante uns instantes, e isso é impossível. O sono — o meu sono em especial — não consegue suportar toda esta tensão e eu acordo.<sup>19</sup>

---

19. KAFKA, *op.cit.*, p. 314.

---

Falando à maneira de Hamlet, poderíamos formular o

impasse *kafkiano* com que sonho nos confronta do seguinte modo: largar ou não largar o pai? Ou ainda: ser ou não ser... largado? O facto de o sonho desembocar numa tensão insuportável, que faz acordar o sonhador, parece constituir a prova de que ele se aproxima de algo *real*, no sentido lacaniano do termo, isto é, impossível (e o termo é de Kafka), como se o desejo de largar o pai, deixando-o à sua sorte, ficasse *impossivelmente* preso num outro desejo: o de não o largar. Mas por quê? O que leva Kafka a queixar-se tanto do pai, como testemunha em particular a carta que lhe é dirigida, e, ao mesmo tempo, considerar que seria impossível largá-lo? Dizendo de outro modo: o que leva Kafka a guardar para si a carta que deveria ter sido enviada ao pai, ou seja, a não largar da mão essa carta(da)?

Num texto escrito a 18 de dezembro de 1910, Kafka procurou esclarecer a difícil relação que mantinha com as cartas,<sup>20</sup> tanto as que enviava quanto as que recebia, nos seguintes termos:

[...] se não fosse absolutamente certo que a razão por que deixo cartas [...] sem as abrir durante um tempo é apenas fraqueza e covardia, que hesitaria tanto em abrir uma carta como hesitaria em abrir a porta de um quarto onde um homem estivesse, talvez já impaciente à minha espera, poderia explicar-se muito melhor que era por profundidade que deixava ficar as cartas. Ou seja, supondo que sou um homem profundo, tenho então de tentar estender o mais possível tudo o que

se relacione com a carta, portanto, tenho de a abrir devagar, lê-la devagar e várias vezes, pensar durante muito tempo, fazer uma cópia a limpo depois de muitos rascunhos, e finalmente hesitar ainda em pô-la no correio. Tudo isto posso eu fazer, só que receber de repente uma carta não se pode evitar. Ora é precisamente isto que eu atraso com um artifício, não a abro durante muito tempo, ela está em cima da mesa, à minha frente, oferece-se a mim continuamente, recebo-a continuamente, mas não a aceito.<sup>21</sup>

---

20. Ele que é um homem das cartas em muitos sentidos: não só porque escreveu a “Carta ao pai”, mas também porque muito daquilo que se passa entre ele e as mulheres da sua vida (Felice Bauer, Milena...) acontece através das cartas que escreve. Vale a pena lembrar aqui o equívoco significante entre carta e letra [*lettre*], a que Lacan, no texto inaugural dos Escritos, deu grande realce. Tendo a letra uma importância assinalável para ele, talvez mais do que enviar ou receber as cartas, seja o facto de escrevê-las que conte para Kafka; 21. KAFKA, *op.cit.*, p. 22.

---

Não só estamos perante uma antecipação do que vai acontecer mais tarde relativamente à carta (não enviada) ao pai — talvez porque o próprio remetente, Kafka, não a queria receber, sabendo que era ele o seu verdadeiro destinatário, “o homem impaciente atrás da porta”<sup>22</sup> —, como, ao mesmo tempo, perante uma espécie de “instinto de defesa”, como Kafka dirá a 31 de janeiro de 1922, numa passagem dos *Diários*: “[...] há em mim um instinto de defesa que não permite que eu tenha o mais pequeno grau de bem-estar

duradouro e despedaça irremediavelmente a cama de casal, por exemplo, mesmo antes de ela estar pronta”.<sup>23</sup>

---

22. De tal forma o tema da (im) paciência obceca Kafka que ele chega a dizer que todos os erros humanos são impaciência e que foi devido a esta que fomos expulsos (do paraíso) e é por causa dela que não voltamos atrás. (Cf. *Considerações sobre pecado, o sofrimento, a esperança e o verdadeiro caminho*. Lisboa: Hiena Editora, 1994, pp. 11-12). Não será esta, porventura, uma das formas de ler o “gesto” kafkiano — sobre o qual Walter Benjamin dizia que era impossível de iludir por todo aquele que se ocupasse de Kafka — ao deixar em testamento a vontade expressa de que a sua obra, ou grande parte dela, fosse destruída? Um gesto de impaciência, uma “interrupção prematura”, como escreve Kafka? (Cf. *Considerações...*, *op.cit.*, p. 11); 23. Franz Kafka, *op.cit.*, p. 365.

---

Instinto de defesa em relação a quê? O que ficaria desnudado ou se revelaria finalmente se, porventura, o filho tivesse largado o pai, ao contrário do que acontece no sonho?

No comentário a um sonho analisado por Freud (o sonho do pai que estava morto e não o sabia, segundo o desejo do filho), Lacan diz o seguinte:

Aqui o desejo de morte ganha todo o seu sentido. É o desejo de não acordar — de não acordar para a mensagem, a mensagem mais secreta que o sonho transporta, e que é a de que

o sujeito, por meio da morte do seu pai, é daí em diante confrontado à morte, de que fora protegido até aí pela presença do pai. Confrontado à morte, quer dizer a quê? — a este *x* que está ligado à função do pai, que está presente nesta dor de existir, que é o ponto chave em torno do qual gira tudo o que Freud descobriu no complexo de Édipo, a saber, a significação da castração.<sup>24</sup>

---

24. Jacques Lacan (1958-1959)., *Le séminaire, Livre VI, Le désir et son interprétation*. Paris: Éditions de la Martinière et le Champ Freudien Éditeur, 2013, p. 122.

---

Largando o pai, de quem se queixa, a quem recrimina, Kafka teria de confrontar-se, sozinho e *sem alibis*, não apenas com sua própria morte (a morte que se abate, com efeito, precocemente sobre ele, apenas com 41 anos), mas, antes disso, com suas dificuldades mais básicas ao nível do real do gozo, não só o gozo próprio, de um corpo que se rebela, mas também do difícil, se não mesmo impossível, relacionamento com o Outro sexo. Como escrevia Kafka em 1916, no dia 6 de julho: “Impossível viver com F. Intolerável viver com alguém. Não lamento isto; lamento a minha impossibilidade de viver sozinho”.<sup>25</sup> Ou, em 10 de abril de 1922:

Quando era rapaz eu desconhecia e não estava interessado em assuntos sexuais (e assim teria ficado durante muito tem-



po se eles não tivessem sido lançados sobre mim) tal como hoje estou, digamos, desinteressado pela teoria da relatividade.<sup>26</sup>

---

25. KAFKA, *Diários*, *op.cit.*, p. 322; 26. *Ibidem*, p. 372.

---

A relação *ambivalente* de Kafka com o pai está bem manifesta na seguinte passagem:

A escrever cartas no quarto dos meus pais — as formas que o meu declínio assume são inconcebíveis! Este pensamento ultimamente, que em criança fui derrotado pelo meu pai e que por ambição nunca fui capaz de sair do campo de batalha durante todos estes anos apesar das contínuas derrotas que sofro...<sup>27</sup>

---

27. *Ibidem*, p. 352.

---

Por que não abandona ele o campo de batalha? Não se dará o caso de estar não apenas vencido (continuamente), mas já morto e não o saber? Eis o que parece confirmar o próprio Kafka, como se tivesse atravessado a sua fantasia fundamental, a 23 de janeiro de 1922: “A minha vida é o hesitar antes do nascimento”. Tal como as personagens dos seus romances estão condenadas, por exemplo, a errar em vão, a transformar-se em estranhos insetos ou a morrer

como cães,<sup>28</sup> o próprio Kafka parece condenado a não ter nascido. Não se trata apenas de ocupar o lugar do morto ou dos mortos (efetivamente os seus dois irmãos rapazes morreram muito cedo, queixando-se Kafka, por vezes, de que todo o peso paterno caiu por essa razão unicamente sobre ele), mas, mais do que isso, de aproximar-se de uma zona onde, como diz *Édipo em Colono*, seria preferível não ter nascido.<sup>29</sup> E, nesse caso, toda a obra é vã, como nos lembra o testamento de Kafka para que a mesma fosse destruída.

---

28. Aliás, segundo a tese de José Martinho, Kafka é, verdadeiramente, um “homem dos cães”: “Pelo que sabemos da vida e da obra é quase certo que ele se sentiu como um cão na sua família, que na sociedade foi chamado ‘cão judeu’, que encarou os seus estudos em direito como as Investigações de um cão (título de um dos seus últimos livros), e que pensou que o seu ‘longo combate’ numa existência de mentira e subversão apenas se podia realizar num mundo de cão”. (Cf. José Martinho. “Como se esta vergonha devesse sobreviver-lhe”. In: *Direito e Psicanálise, Interseções a partir de “O processo” de Kafka*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2007, pp 247-248); 29. “Não ter nascido — supera qualquer tipo de argumento e regressar, bem depressa, lá para o seio original, após ter vindo à luz, é o que mais se lhe aproxima”. (Cf. Sófocles. *Édipo em Colono*. Coimbra: Minerva Editora, 1996, p. 120.)

---

### III. SUCESSO OU FRACASSO

É uma pergunta de Kafka, em jeito de balanço: o balanço de uma vida. A 17 de janeiro de 1922, ele escrevia o seguinte:

Um momento de pensamento: resigna-te (aprende, quarentão) a ficar contente no momento (sim, já foste capaz de o fazer). Sim, no momento, o terrível momento, não é terrível, o medo que tens do futuro é que o faz assim. E também, olha para trás, para ele. Que fizeste como dom do teu sexo? É um fracasso, no fim é tudo o que vão dizer. Mas poderia ter sido facilmente um sucesso. Uma ninharia, de facto tão pequena que não se via, decidi entre o fracasso e o sucesso. Porque estás surpreendido? Foi assim nas grandes batalhas da história do mundo. Ninharias decidem sobre ninharias.<sup>30</sup>

---

30. KAFKA, *Diários, op.cit.*, p. 355.

---

Estaria, pela minha parte, tentado a dizer, em jeito de conclusão, que o real é isso: ninharias decidindo ninharias. Ninharias sem lei. Acasos que fazem série, que nos tramam. E é por isso, talvez, que, em certa medida, somos todos *kafkianos*. Todos tramados, embora cada qual à sua

maneira, pelos acasos de um real sem lei.

E não será, finalmente, porque se defendem desta ausência de lei (deste *nonsense* do real) que muitas personagens kafkianas, incluindo o próprio Kafka, não param de se torturar a si mesmas ou de gravar na própria carne, como acontece por exemplo na “Colônia penal”, uma lei insensata e que parece ter sido feita à medida de cada um? Ou, como escrevia recentemente Georges-Arthur Goldschmidt, sendo cada um, incluindo o leitor, capturado na sua própria armadilha, a saber, a tentação obstinada do sentido aí onde há apenas acasos do real?<sup>31</sup>

---

31. Georges-Arthur Goldschmidt. “Tout un chacun pris à son propre piège”, *Magazine Littéraire*, *op.cit.*, pp. 74-75.

---

Deste ponto de vista, não se trata de compreender a verdade de Kafka, muito menos da obra, por meio da sua relação problemática com o pai, mesmo se podemos facilmente cair na armadilha, mas antes ver nesta relação o nome e o modo de uma “defesa contra o real sem lei e sem sentido”.<sup>32</sup> Um real de que as maiores criações de Kafka se aproximaram de tal modo que, para nós, elas se tornaram no seu nome próprio: o nome próprio de um certo real.

---

32. Cf. Jacques-Alain Miller. “Un réel pour le XXI<sup>e</sup> Siècle”. In: *Un réel pour le XXI<sup>e</sup> siècle. Scilicet*. Paris:

É por isso que, muitas vezes, quando nos falta um nome ajustado para aquilo que queremos nomear, mas que não conseguimos, nos ocorre dizer: *kafkiano*. Como se o real, um certo real, se tivesse tornado kafkiano por antonomásia. Não só por culpa do “medo” que o filho dizia sentir em relação ao pai, na carta que lhe escreveu, mas essencialmente graças ao talento por meio do qual soube transformar tudo isso em algo que permanece para lá dele (e apesar dele) e, sobretudo, para além do pai. Neste aspeto, somos todos herdeiros e devedores de uma traição: o gesto de Max Brod, que decidiu não destruir a obra contra a vontade expressa do seu melhor amigo.